

viver

Cantora, compositora e pesquisadora, Clarissa Ferreira desafia os limites líricos, estéticos e conceituais da música tradicionalista gaúcha



JOÃO VICENTE RIBAS/ESPECIAL/JC



reportagem cultural

“O que eu cantava com um pouco mais de raiva, hoje eu canto com um pouco mais de dor”

João Vicente Ribas, especial para JC

Ela projeta a voz para externar suas ideias. Não está naquele lugar onde se acostumou a localizar as mulheres gaúchas: encantando ou adornando. A cancionista, violinista e pesquisadora Clarissa Ferreira projeta-se hoje com protagonismo na cena cultural do Rio

Grande do Sul.

No início de junho, a artista recebeu a reportagem do **Jornal do Comércio** em sua casa, quando se preparava para pegar a estrada rumo a Montevideu, onde daria uma aula na Universidad de La República sobre *Música, cultura e crise climática*. Com gentileza e senso crítico aguçado,

respondeu a uma série de perguntas sobre sua trajetória profissional e intelectual. Ao longo da conversa, demonstrou preocupação com a calamidade no Estado e esperança com a união entre os músicos gaúchos.

Seu primeiro álbum, *LaVaca*, lançado um mês antes da tragédia climática, instiga

e sensibiliza sobre o cuidado urgente com a natureza. Não surgiu da noite para o dia, pois é resultado de uma trajetória musical que une atuação e reflexão, desde quando tocava violino em festivais nativistas e começou a escrever o blog *Gauchismo Líquido*, há 10 anos.

Para se ter uma ideia, entre as faixas do álbum está *Flor extinta*, sobre a descoberta de uma nova espécie na flora do Pampa. Considerando que restam hoje nesse bioma apenas 36% da vegetação nativa, Clarissa critica “quem só no canto pela terra tem amor”.

Segundo Loma Pereira, principal voz feminina negra atuante no Estado, Clarissa Ferreira emergiu para despertar e encorajar reflexões. “Ela nos entrega a ousadia que o mundo precisa”, afirma. Loma conhece Clarissa desde que era estudante e acompanhou suas participações em festivais, “onde a mulher é

bem pré conceituada”. “Ela diz coisas que ninguém tem coragem de dizer”, exalta.

Na canção *Tiranas*, faz uma ode à sororidade, com letra da carioca Maria Gabriela Saldanha. “Se não existissem, nós nunca saberíamos de quantos modos uma mulher poderia ser para além do que lhe foi determinado ser”, canta.

Vitor Ramil, um dos grandes nomes da música gaúcha contemporânea, celebra a desenvoltura com que Clarissa tem se movimentado na cena musical, cercada de excelentes músicos e parceiros. “É artista de vários recursos: toca, canta, compõe, escreve, performa, pesquisa, teoriza. O fato de ser mulher é significativo, relevante, até porque adentra criticamente na seara masculina do gauchismo”, define.

Leia mais na página central